

CERIMÓNIA DO

PRÉMIO EUROPEU HELENA VAZ DA SILVA 2020

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

LOUVOR DO LIVRO

Agradeço esta atribuição do Prémio Europeu Helena Vaz da Silva para a divulgação do Património Cultural. Dirijo em especial uma expressão do meu reconhecimento ao júri e às instituições que se associam para a concessão deste galardão. É uma palavra à Fundação Gulbenkian que nos acolhe e se encontra aqui representada pela sua Presidente, Dra Isabel Mota. Manifesto o meu vivo sentimento de gratidão às outras personalidades que intervieram nesta sessão, em presença e à distância, a começar pelo Presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas, o Senhor Presidente da República Portuguesa, a Senhora Ministra da Cultura, a Senhora Presidente do Centro Nacional de Cultura, a Senhora Secretária-Geral da Europa Nostra e o Senhor Presidente do Clube Português de Imprensa. Saúdo todos aquelas e aqueles que tiveram a bondade de honrar esta sessão com a sua presença ou que a acompanham por streaming. A todos muito obrigado.

O facto de este Prémio ter o nome de Helena Vaz da Silva constitui para mim um motivo de alegria e certamente uma responsabilidade acrescida. Conheci Helena Vaz da Silva apenas por entreposta pessoa, mas não era uma testemunha qualquer. De facto, a amizade que ao longo de preciosos anos mantive com Alberto Vaz da Silva, seu marido, foram uma forma de me avizinhar da pessoa e do legado de Helena, olhando-a através da mais poderosa das lentes que é aquela do amor.

**

Antes de começar o discurso que tenho preparado, gostaria de responder à pergunta, oportuníssima, que o Senhor Secretário Geral das Nações Unidas, o Engenheiro Guterres, me colocou sobre a relação entre a amizade social, este termo cunhado pelo Papa Francisco na recente encíclica "Fratelli Tutti", e a cultura.

Da minha própria experiência, e isso queria neste lugar testemunhar, a presença, a inscrição no mundo da cultura e aquilo que a cultura nos dá, vê-se e exprime-se numa forma muito transparente na dinâmica da amizade.

E há três palavras que são para mim como que a arquitectura de uma presença no mundo da cultura e que a ligam à amizade. A primeira dessas palavras é *curiosidade*. A cultura ensina-nos a importância vital da curiosidade, o interesse pelos outros, a disponibilidade por perceber aquilo que ainda não alcançamos, ainda não conhecemos e que o outro, na sua alteridade, nos oferece. Um grande autor que também escreveu sobre a amizade coisas essenciais, o jesuíta Matteo Ricci, dizia "o meu amigo é a outra metade de mim". E, de facto, na curiosidade nós conhecemos o outro, e conhecemo-nos também a nós próprios.

A outra palavra, é a palavra *encontro*. Quer a amizade social, quer a cultura, são verdadeiramente a celebração de um encontro. De um encontro inesperado, de um encontro diverso, de um encontro necessariamente dialógico, mas trazendo aquilo que o encontro introduz na nossa vida, que é a capacidade do espanto, a capacidade da escuta, o tempo necessário para tornar precioso o próprio encontro, o respeito mútuo, esse

encontro que muitas vezes é tecido na singularidade, e num caminho onde a alteridade do outro não é uma ameaça, não é uma hostilidade, mas é um desafio à hospitalidade.

E, por fim, a palavra *futuro*. Na amizade social e na cultura, nós percebemos que há um futuro para cada um de nós que é indissociável da relação com o outro. Isso que o Papa Francisco tantas vezes refere quando diz "estamos todos no mesmo barco", "estamos a viver a mesma situação", e esta consciência profunda é alguma coisa que na amizade civil, na amizade social, na amizade cultural, nós fazemos como a experiência que mais nos enriquece. E, nesse sentido, eu agradeço muito as coisas que aqui disseram sobre mim, sem dúvida, são coisas que só a amizade justifica pela generosidade de aquilo que foi dito, mas eu tenho sempre a noção clara de que sou, do princípio da minha vida até ao fim, uma obra dos outros. E que, de facto, sem esse encontro com a alteridade, eu não seria, eu não pensaria, eu não escreveria.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Estamos, diz-se, a chegar ao fim da era do livro. E não porque os livros deixaram ou deixarão de existir de uma hora para outra, no período histórico das nossas vidas: esperamos e ardentemente desejamos que eles se continuem a escrever e a ler, a publicar, a apoiar e a conservar por longo tempo. O que acontece, porém, é que, quer como artefactos, quer como transmissores de uma determinada conceptualização moral da vida, os livros deixaram de representar, como defendia George Steiner já nos anos 60 do século passado, o principal foco de energia da nossa civilização. Nessa função, o livro foi substituído pelo écran. Efetivamente, cada um de nós passa hoje mais tempo diante de um écran que diante de um livro. E são múltiplos os écrans que massivamente se disseminam nos nossos quotidianos e os moldam, veiculando assim o impacto da revolução digital na nossa época e a interferência, sempre maior, da tecnologia na comunicação humana. Ora esse foi o lugar que, por séculos, esteve reservado à página e ao texto, manuscrito ou impresso. Aquilo a que assistimos no curso desta viragem, e de maneira muito clara, é que mesmo o texto alfabético se vem tornando apenas uma modalidade entre tantas outras de elaboração dos biliões de mensagens para serem exibidas num écran. Ao livro e ao que ele representa é reservado um papel sempre mais minoritário. Na autorrepresentação que o mundo contemporâneo faz de si o livro, por exemplo, já não é a grande metáfora, como era no século XII, quando o teólogo e místico Hugo de São Vítor defendia que «omnis mundi creatura quasi liber» para dizer que toda a criatura deste mundo é como um livro e pode ser explicada analogicamente a partir dele; ou como era ainda no final do século XIX, quando Mallarmé imaginava o livro como uma estrutura omnicomprensiva, uma espécie de coágulo total das escrituras decifráveis e indecifráveis do homem e do universo.

É verdade que há quem diga que mais do que falar em crepúsculo, deveríamos falar de transformação, pois o que está em ato é simplesmente uma alteração do suporte em que o livro é transmitido e não do livro propriamente dito. A forma atual do livro em papel é uma etapa de uma história mais longa que começou pelos textos gravados em pedras, em tábuas de argila e em rótulos, história que continuará o seu caminho. Nesse sentido, Umberto Eco mostrava-se confiante dizendo que o livro integrava aquela tecnologia irremovível representada pela roda, pela faca, pela colher, pelo martelo, pela panela ou pela bicicleta. Por mais que os designers invistam em transformar este ou aquele particular será sempre possível reconhecer o que é uma faca ou o que é uma colher. Uma bicicleta acabará sempre por ter duas rodas e um eixo. Do mesmo modo, por mais variações que se introduzam, o que teremos entre as mãos continuará a ser um livro.

Não podemos esquecer, porém, que a civilização que inventou o livro tal como até aqui o conhecemos, inventou também as condições requeridas para a sua leitura e que essas nos modelaram antropologicamente

durante séculos e constituem um património cultural que precisamos de preservar. Pois quem inventou o livro inventou o silêncio da leitura; inventou essa forma íntima de temporalidade que torna o encontro com o livro indissociável do encontro connosco próprios; inventou a atenção, a aventura do conhecimento elaborada a partir de certas premissas e a curiosidade; inventou um regime social onde a atividade intelectual era admitida e, não podemos esquecer, esse regime libertou o homem, revelando-lhe a sua dignidade; inventou o direito universal à alfabetização e multiplicou as comunidades de leitores; inventou o indivíduo e a vida privada; inventou a confiança na consistência da linguagem e as bibliotecas; inventou os salões literários, os cafés e as praças como lugares de debate; inventou os sistemas críticos e hermenêuticos que garantem não só a legibilidade dos livros, mas a compreensão dos mundos possíveis; inventou as escolas monacais e a ideia moderna de universidade; inventou o humanismo e a liberdade de expressão, que é sempre inseparável da liberdade de ser. O livro acompanhou o nascimento e expansão das línguas modernas do Ocidente, e assistiu ao desenvolvimento das suas possibilidades expressivas, cognitivas e de imaginação. Quem inventou o livro inventou uma certa forma de produzir história e inventou também a figura de leitor que ainda somos. O património humano, cultural e espiritual que o livro representa é, por isso, incalculável. O que o livro põe em jogo é muito mais do que o livro. Não nos podemos desfazer dele como se fosse um arcaico vestígio destinado a ser progressivamente desativado. Escreveu Mario Vargas Llosa: «Quando penso no imenso prazer que me ofereceram as bibliotecas e o bem que foi trabalhar em todas elas estimulado por esses milhares de livros em que está depositado o conhecimento e a fantasia literária de tantos séculos, penso com tristeza que talvez a minha seja a última geração a fazer uma experiência semelhante se, como não é impossível já pensar, as novas gerações de escritores trabalharem rodeadas de écrans em vez de estantes e a matéria dos livros não for o papel, mas o cristal líquido dos computadores». Nesta hora de transição civilizacional temo-nos de perguntar o que podemos fazer como sociedades para valorizar este extraordinário património e para que o livro continue a inspirar-nos na tarefa da construção de nossa humanidade.

Os livros não nos tornam só leitores, tornam-nos também cidadãos. A história da Europa é inseparável dos livros que constituíram o seu modo de criar cultura, ciência, espiritualidade e pensamento até aos nossos dias. Não podemos abordar a identidade europeia e os seus valores matriciais sem conectar com o mundo dos livros que a ajudaram, em cada tempo, a superar o monolitismo ideológico, a estreiteza de horizontes ou a inconsistência e os limites da visão. A dimensão mais extraordinária do projeto europeu não nasceu como uma conquista bélica, uma congeminação económica ou meramente política. Os livros fizeram a Europa. De Homero a Virgílio, a Catão ou a Petrarca. Dos tratados de Aristóteles às cartas de Paulo. Das comédias de Terêncio às Confissões de Agostinho. Das fantasias de Lucrecio à Suma de Tomás. Dos trovadores medievais a Dante ou a Camões. Dos panfletos de Voltaire a Marx. De Hegel a Freud. De Dostoievski a Joyce. De Simone Weil a Maria Zambrano.

Em momentos especialmente duros da história europeia aconteceram algumas das mais belas declarações de amor aos livros, e gostaria neste momento de evocar algumas. Recordo o escritor Thomas Mann, que partindo como exilado para os Estados Unidos quis ler e comentar, durante a longa travessia oceânica, o «Dom Quixote» de Cervantes. Recordo a judia holandesa Etty Hillesum que, na estrita mochila com que entrou no campo de concentração, não escolheu levar objetos, mas dois livros: a Bíblia e o volume de poemas de Rainer Maria Rilke. Ou a história do escritor Józef Czapski, prisioneiro entre 1940 e 1941, num gulag a quatrocentos quilómetros a norte de Moscovo. No final de cada dia de trabalhos forçados, suportando temperaturas siberianas, um punhado de prisioneiros sentava-se formando uma roda para seguir o seu

companheiro Józef Czapski numa série de conferências sobre Proust. A última vez que tivera a obra de Proust nas mãos fora antes de 1939 e ele pensava que nunca mais voltaria a ver um livro. Por isso, as suas palestras baseavam-se num trabalho de recuperação de memória daquele colossal universo romanesco. Escreve Czapski: «Naqueles momentos pensava com emoção em Proust, que no seu quarto sobre-aquecido e atapetado a açúcar, ficaria espantado e porventura comovido se lhe tivessem dito que, vinte anos depois da sua morte, uma esquadra de prisioneiros polacos, após uma inteira jornada de trabalho na neve, num frio que frequentemente chegava aos quarenta graus abaixo de zero, escutava com o máximo interesse a história da duquesa de Guermentes».

Uma última história. O teólogo Romano Guardini conta que «numa das grandes batalhas da última guerra, um destacamento encontrou-se, a dada altura, numa situação desesperada. O capelão militar estava presente e, sentindo que nada de aceitável tinha para dizer naquela hora, retirou do bolso o seu volume do Novo Testamento e deu uma folha a cada um dos soldados».

Protejamos o património cultural que os livros representam. Eles são mapas para decifrar de onde viemos. Mas são também telescópios e sondas apontados ao futuro.